

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Luciângela Amanda Reis

**Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo
preconceitos e estereótipos**

Belo Horizonte

2015

Luciângela Amanda Reis

**Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo
preconceitos e estereótipos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rodrigo Ednilson de Jesus

Belo Horizonte

2015

Luciângela Amanda Reis

**Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo
preconceitos e estereótipos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rodrigo Ednilson de Jesus

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Rodrigo Ednilson de Jesus – Faculdade de Educação da UFMG

Andreia Rosalino

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre me conduz aos caminhos propícios a realização dos meus sonhos. A minha família, aos meus filhos por serem a motivação para a realização das minhas metas. E a todos que possam dele se favorecer.

Agradecimentos

A todos que de certa forma contribuíram para a realização do meu Plano de Ação, dentro e fora da escola, complementando-o de maneira produtiva. Um trabalho voltado para às questões étnicorracias que vem sendo alvo de meu interesse e estudo após uma mudança de olhar baseado em experiências ao longo da minha vida pessoal, escolar e profissional. Em especial ao professor Rodrigo Ednilson que foi mais que um orientador, ele foi um incentivador do meu Plano de Ação; acreditando e propagando meu trabalho ao longo de todo o curso. À Júnia Silva da Costa por acreditar na minha prática pedagógica e possibilitar o relato da mesma, juntamente com outras pessoas em instantes de troca de experiência, estimulando minha autoconfiança.

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Bertold Brecht

RESUMO

Este trabalho se justifica pelo cumprimento formal a uma demanda do LASEB com ênfase em Educação e Relações Étnicorraciais, oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais; no qual estou inserida em processo de formação desde fevereiro de 2014. Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender e contribuir com o processo de (re)construção da identidade racial de crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prefeito Souza Lima. Além do referencial teórico sobre as relações étnicorraciais no Brasil; como metodologia, foram utilizados a exibição de filmes e documentários que abordam a questão étnicorracial, uma Feira de Cultura Afro-brasileira, um Afro-diálogo dos professores com integrantes da Casa África na escola e várias outras ações abordando essa temática. Este Plano de Ação visa sensibilizar e despertar a atenção destas crianças e do corpo docente para o estudo e a discussão das relações étnicorraciais, oferecendo aos alunos possibilidades de identificação, reconhecimento, pertencimento racial e a valorização da negritude.

Palavras-chave: Identidade Negra, autoestima, Relações étnicorracial, pertencimento, escola.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Contexto e sujeitos da escola.....	13
3. Justificativa.....	18
4. Fundamentação teórica.....	22
5. Desenvolvimento do Plano de Ação.....	28
6. Conclusão.....	37
7. Referências bibliográficas.....	39
8. Apêndice.....	40
9. Anexos.....	41

1- INTRODUÇÃO

O foco desse Plano de Ação é a implementação da Lei 10.639/03 na Escola Municipal Prefeito Souza Lima, visando um trabalho de valorização da cultura negra nesse espaço escolar. O objetivo é que a escola abra novas perspectivas quanto a diversidade étnicorracial e os desafios que ela nos traz, reavaliando sua postura, ao lidar com essas diferenças trazendo novos questionamentos em relação a reprodução de um imaginário social e racial voltado para a invisibilidade do negro na sociedade brasileira.

Pretende-se com esse trabalho contribuir para que a Lei 10.639/03 seja uma discussão pedagógica envolvendo todo o coletivo escolar. Sabemos que a escola brasileira, apesar de toda diversidade cultural que nela está inserida, ainda não conseguiu trabalhar com a grande maioria de negros e mestiços que ali se encontram. Apesar da cultura europeia ser dominante no âmbito das instituições educacionais, ela não conseguiu apagar as culturas indígenas e africanas. A cultura europeia é predominante nas instituições educacionais brasileira enfatizando uma visão monocultural do nosso passado histórico, negando as populações negras e indígenas a participação na construção da história e da cultura brasileira.

Sabendo dessa realidade inerente às questões étnicorraciais fui percebendo ao longo da minha trajetória de vida o quanto o racismo, o preconceito e a discriminação é algo velado e sutil no Brasil. Hoje percebo que não admitia o racismo na minha vida por pura falta de estratégias para lidar com ele. Quando criança vivenciei de forma perceptível e doída algo que me marcou muito. Hoje com uma visão mais nítida da trajetória do negro no Brasil sei que o fato ocorrido foi uma atitude discriminatória por parte de uma professora de Educação Física, branca e loira, que não me permitiu participar de uma dança na escola porque não tinha os cabelos lisos e longos. No momento da dança os cabelos teriam que ser balançados no ritmo da música e o meu cabelo não permitia tal movimento.

Essas são situações corriqueiras que fazem parte da vida de uma criança negra, principalmente na escola onde os apelidos e as ofensas são constantes por parte dos colegas. Aprendi desde cedo que as crianças reproduzem exatamente aquilo que vivem por isso a importância de se trabalhar com essas questões étnicorraciais no ambiente escolar, desfazendo os preconceitos e estereótipos, pois só assim, sendo fortalecidas na sua identidade

afrodescendente, é que poderão lidar com tais situações, ou pelo menos de forma mais segura, enfrentar determinados conflitos étnicorraciais na sua trajetória de vida.

Eu nasci negra, mas só me tornei negra em meados de 2012, quando conheci Luh Souza uma professora de História, residente na cidade de São Paulo, dona e administradora da página História Preta Fatos & Fotos ¹ (<https://www.facebook.com/pages/Hist%C3%B3ria-Preta-Fatos-Fotos/389509127799076?fref=ts>) no Facebook. Eu também tenho e administro duas páginas no Facebook - Black.in.Black.Kids ² (<https://www.facebook.com/blackinblackKids?fref=ts>) e Crianças Negras são Lindas ³ (<https://www.facebook.com/CriançasNegrasSaoLindas?fref=ts>), das minhas páginas é a que mais sofre com as polêmicas na Rede Social. Em 31 de dezembro de 2013, Luh Souza foi homenageada pelo site Blogueiras Negras ⁴ como "As 25 negras mais influentes da Internet" (<http://blogueirasnegras.org/2013/12/31/25-negras-mais-influentes-da-internet/>) pela criação e administração da sua página citada acima. Isso me fez ainda mais admiradora do seu trabalho e sua seguidora no Facebook.

Essa mulher é a prova de que ninguém entra na nossa vida por um acaso. Depois que a conheci, passei a reconhecer que nada sabia sobre a História do Negro no Brasil, pois com o Teste do Pescoço que ela escreveu para me afro-educar, foi que percebi o quanto eu estava fora da realidade étnicorracial do país. Acreditava ou iludia-me que vivia num país sem racismo, preconceito e discriminação. Acreditava na ideia do "somos todos iguais". Foi a convivência com ela através da internet que me estimulou a aprender um pouco mais sobre a realidade do negro no Brasil. Por isso optei por esse curso de Diversidade, Educação, Relações Étnicorraciais e de Gênero do LASEB como primeira opção. Vejam o que ela escreveu:

¹ Comunidade no Facebook - Tem o objetivo é apresentar trechos históricos representativos na História do Povo Preto como fonte de conhecimento, e reconhecimento, de suas lutas e contribuições para o mundo. Em conformidade com a Lei 10.639/03.

² Comunidade no Facebook - Tem como objetivo a igualdade social e o respeito às diferenças, utilizando reflexões diversas mas sempre priorizando às questões étnicorraciais.

³ Comunidade no Facebook - Tem como objetivo dar visibilidade às crianças negras desenvolvendo a autoestima e dando representatividade às mesmas, utilizando fotos e reflexões diversas.

⁴ É um site utilizado como instrumento de publicação tendo como principal objetivo aumentar a visibilidade da produção de blogueiras negras. É uma comunidade bastante diversa em suas opiniões e demandas, organizadas através de: 1 - um grupo de discussão; 2 - um time dinâmico de autores; 3 - e uma equipe de facilitadoras. Privilegiam o feminismo negro e/ou assuntos que digam respeito à negritude e seus desdobramentos.

"Em 06 de julho de 2013, fiz essa postagem na madrugada morrendo de sono, sem correção ortográfica, para afro-educar uma amiga de Belo Horizonte que tinha dúvidas à respeito das Cotas Raciais. Para minha surpresa, repicou mais de 8 mil vezes em perfis, grupos, páginas até chegar a sites relevantes brasileiros, dentre eles: Geledés⁵ (<http://www.geledes.org.br/existe-racismo-brasil-faca-o-teste-pescoco-e-descubra/#axzz3V7yJ4aF7>) , Preta & Gorda ⁶ (<https://www.facebook.com/PretaeGorda?fref=ts>) , Carta Capital ⁷ (<http://negobelchior.cartacapital.com.br/2013/08/06/racismo-no-brasil-faca-o-texte-do-pescoco/>), Pragmatismo Político ⁸ (<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/faca-o-teste-do-pescoco-parte-2-para-saber-se-existe-racismo-no-brasil.html>), entre tantos outros, além de ter sido gravado em vídeo pelo Jairo Pereira (<https://youtu.be/r-frpJ2Lczc>) . Soube que foi repassado em e-mails, usados em teses, por professores em escolas e faculdades e até citado por artistas em seus shows, tal qual Emicida e outros mais. Escrever o "teste do pescoço" na busca e agora In Denial Over Racism in Brazil (<http://www.nytimes.com/2015/03/24/opinion/vanessa-barbara-in-denial-over-racism-in-brazil.html?ref=opinion&r=1>), texto escrito pela jornalista Vanessa Bárbara para o The New York Times⁹, dá pra ver a dimensão que este texto-teste tomou e quantos didaticamente ele ensinou a enxergar o racismo excludente dos/as negros/as brasileiros e para onde fomos empurrados desde o fatídico 13 de maio de 1888. Só tenho a agradecer por poder colaborar para o entendimento de toda a luta que travamos aqui. Só queria sempre ensinar de forma pedagógica e fácil, numa linguagem que tocasse as pessoas e as fizessem observar em volta. Desde o dia em que o amigo Francisco Antero me deixou aflita quando perguntei a ele o porque das cotas e esse respondeu: 'Faça o teste do pescoço, Luh! Vá aí numa escola particular, estica o pescoço e conta quantos negros saem de lá. Quantos negros tinha em sua sala de aula na faculdade?' Foi o que bastou para eu compreender tudo e me tornar ferrenha defensora das Cotas Raciais e de quebra ganhei a Consciência Racial sobre quem sou."

⁵ É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral.

⁶ Comunidade no Facebook - É um novo formato contra o padrão europeu de beleza que origina o racismo de cada dia e que conseqüentemente menospreza as mulheres pretas, obtendo através de inúmeros artifícios, dentre eles a gordofobia, uma ferramenta eficaz para discriminá-las e destituir de qualquer autoestima. Faz um trabalho contra o racismo, a gordofobia, fala de moda e beleza. Juntos no processo de afrocentricidade.

⁷ Revista de política, economia, negócios e variedades.

⁸ No ar desde setembro de 2009, Pragmatismo Político se consolidou como um dos maiores sites de notícias e opinião do Brasil. Caracterizado pela independência editorial, o espaço se destaca por disseminar informações de qualidade e fomentar debates e reflexões que estimulam o senso crítico — tudo com responsabilidade jornalística.

⁹ É um jornal de circulação diária, internacionalmente conhecido, publicado na cidade de Nova Iorque e distribuído nos Estados Unidos e em muitos países. Pertence à The New York Times Company, que também publica outros jornais de grande circulação como o International Herald Tribune e controla outros dezesseis jornais e cinquenta sites.

Luh Souza foi a pessoa ao qual eu me inspirei a partir do Teste do Pescoço e dos diversos acompanhamentos que fazia em seu perfil no Facebook, observando-a nas suas discussões ferrenhas pela Internet em defesa das causas étnicorraciais. Isso também é a prova de que, quando bem utilizada, a Internet pode mudar vidas e pessoas. E o fato de eu estar aqui é a prova de que isso é possível.



Fonte: The New York Times

Fonte: Autoria própria

As ações deste trabalho foram realizadas pensando na possibilidade de uma reconstrução da identidade racial de crianças negras do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prefeito Souza Lima, no turno da tarde, com trabalhos em sala de aula e extra-classe, entre os meses de agosto e dezembro no ano de 2014.

Esta pesquisa-ação encontra-se dividida em nove seções. Na seção 1, traz essa introdução; na seção 2, o contexto e sujeitos da escola; na seção 3, a justificativa; na seção 4, a fundamentação teórica; na seção 5, o desenvolvimento do plano de ação; na seção 6, a conclusão; na seção 7, as referências bibliográficas; na seção 8; o apêndice; e seção 9, os anexos.

2 - CONTEXTO E SUJEITOS DA ESCOLA

A Escola Municipal Prefeito Souza Lima está situada na Região Nordeste de Belo Horizonte – Minas Gerais, na Rua dos Paraguaiois, nº 97 no bairro Jardim Vitória.

Criada em Março de 1983, a escola iniciou suas atividades letivas em 04 de Abril daquele ano, na gestão do Prefeito Júlio Laender, tendo Newton Ferreira de Paiva, como Secretário Municipal de Educação.

A primeira diretoria (diretora e vice, respectivamente) da escola foi composta por Anete Teixeira Honorato da Silva e Rosa de Assis, seguindo-se de Anita Reis Belém de Carvalho e Maria das Graças Cirilo; Maria das Graças Ferrarezi e Dalila Dias Gomes; Nara Lúcia de Paula Fan e Valéria Perret Ferraz; Cláudia Luciene Noronha e Adiná Araújo e Silva; Valéria Perret Ferraz e Nara Lúcia de Paula Fan, Jacira Gomes Leal Pacheco e Gilda Tavares Caldas, Nara Lúcia de Paula Fan e Luzia Claret Ribeiro de Oliveira. Atualmente, compõem a diretoria Nara Lúcia de Paula Fan e Dionéia Duarte Pereira.

Quando a escola foi construída, observava-se inúmeras dificuldades, como a falta de funcionários, mobiliários, falta de água, ruas sem asfalto ou calçamento que em dias chuvosos, tornavam-se calamidade. Hoje, após 32 anos, a escola funciona em 02 turnos. Até o ano de 2002 funcionava em 3 turnos, atendendo crianças do 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo.

Através da mobilização da comunidade e do orçamento participativo de 2001/2002, foi conquistada a ampliação da escola e melhorias em sua estrutura física e de recursos didáticos e materiais.

A escola tem como proposta trabalhar com a criança, considerando-a um ser cognitivo. O principal objetivo está centrado na alfabetização e no letramento. Nos dois primeiros ciclos de formação trabalhamos fundamentalmente o desenvolvimento sócio-cultural dos alunos, solidificando uma formação básica que abrirá possibilidades de níveis de desenvolvimento mais complexos, características da formação do 3º ciclo.

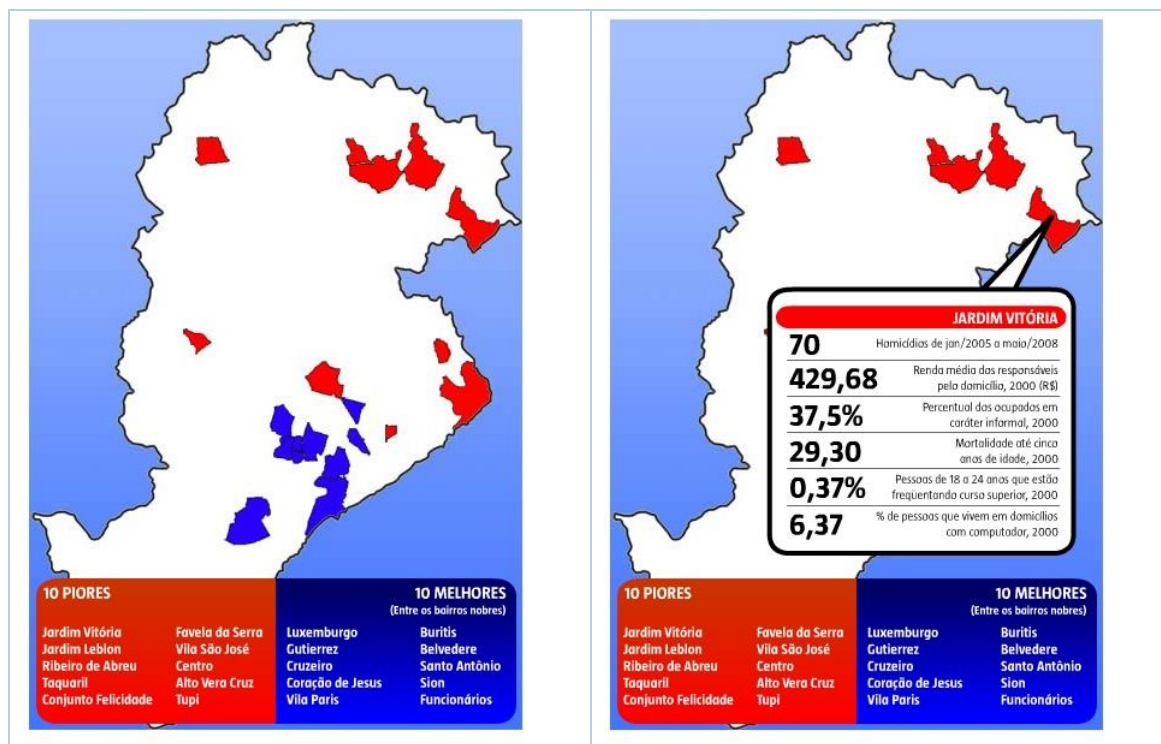
Os problemas ainda existem, é certo, mas contrapondo-se a isto, temos uma escola ampliada, reformada e bonita, uma equipe séria, comprometida e atuante, que tem um elo afetivo com as crianças e que permanecem fazendo um trabalho que passa por transformações e mudanças que sempre levam ao crescimento de todos.

A despeito desses avanços mencionados, o trabalho com as questões étnicorraciais; não foi implementado de maneira sistemática dentro da instituição de ensino. Em geral, essas questões são consideradas um problema de convivência. Muitas vezes, atitudes racistas ocorrem no ambiente escolar de maneira sutil e pouco perceptível, o que o faz parecer inexistente. Essas atitudes se manifestam de forma direta entre os alunos mas sem que eles tenham "consciência" dos atos que estão praticando. Tais episódios ocorrem em situações de brigas entre eles ou atitudes nomeadas como "brincadeiras" e geralmente tomam forma pejorativa de uso de apelidos que servem para desumanizar e desqualificar a criança negra e de certo modo, todas aquelas que estejam fora do padrão eurocêntrico de beleza.

A justificativa para tais atitudes remete sempre a revide daquilo que o colega também já fez. Raramente admitem que estão sendo preconceituosos, discriminando os colegas ou até mesmo tendo atitudes racistas. Essas situações são tratadas de forma naturalizada dentro do ambiente escolar como se já fizesse parte do contexto. Os alunos que praticam tais atitudes são membros, em sua maioria, de famílias que também tem atitudes discriminatórias para com eles; que tem problemas familiares graves, inclusive relacionadas ao uso ou tráfico de drogas e agressões físicas e verbais.

O que se observa na escola é que a repreensão de tais alunos é feita de todas as maneiras e possibilidades, sem levar ao conhecimento da família atitudes consideradas de baixa gravidade. A família só é chamada em casos extremos, até mesmo pela dificuldade das mesmas de se fazerem presentes em tais situações. Por medo de uma retaliação, por parte dos membros das famílias aos funcionários ou à escola, somente em casos extremos, quando há denúncia, a escola tem tomado às devidas providências. Entretanto, tais providências são tomadas em relação às questões sexuais (abuso sexual), maus tratos, agressão física, mas nunca com relação às questões raciais.

A comunidade atendida pela escola se encontra em uma área considerada a mais violenta da região nordeste e alguns alunos são dessas famílias consideradas agressivas na comunidade; com histórico de agressões verbais, físicas, uso de drogas ou tráfico ou até mesmo assassinatos. Nesse sentido qualquer atitude a ser tomada em relação ao comportamento de determinados alunos dentro do âmbito escolar considera-se a família do aluno em questão. Os quadros abaixo reforçam as características da violência no Bairro Jardim Vitória e da comunidade atendida:



Fonte: Mapa interativo da violência em BH - Portal UAI.

Os bairros atendidos pela E.M. Prefeito Souza Lima são bairros que já possuem infraestrutura de saneamento básico (esgoto e água tratada), Posto de Saúde, igrejas, academias, supermercado, sorveterias, padarias, Projeto Providência¹⁰, casas

¹⁰ Missão - Educar para a vida crianças, adolescentes e jovens em situação de risco social, favorecendo o desenvolvimento integral e o exercício da cidadania. O Projeto Providência conta com cerca de 127 educadores, que se dedicam à promoção humana, à garantia dos direitos de aproximadamente 2 mil crianças e adolescentes. Padre Mário Pozzoli criou e dirigiu o Projeto até o início de 2014, quando ele foi assumido pela Arquidiocese de Belo Horizonte. As primeiras crianças entraram para o Projeto Providência em abril de 1988. Elas, que hoje são adultas, viviam em Vila Maria, um aglomerado de casas feitas de madeirite. As famílias de baixa renda acreditaram no sonho do padre Mário e levaram seus filhos para o Projeto. No Projeto, essas crianças e jovens, que viviam em meio à miséria e à falta de esperança, receberam amor, apoio escolar, formação humana e espiritual, além de comida gostosa e com fartura. Mesmo com todas as dificuldades, como uma boa semente, o Projeto Providência cresceu, com a ajuda de muitas pessoas. Era hora de semear em outras regiões. Assim, em 1994, foi criada a segunda unidade, chamada Projeto Providência Páscoa, no Taquaril. Aos poucos, pais que precisavam deixar os filhos em algum lugar seguro para poderem ir trabalhar, que queriam tirá-los das ruas, procuraram o Projeto. Os resultados não podiam ser mais animadores: muitas crianças melhoraram seu desempenho na escola, tornaram-se mais amáveis, vários jovens aprenderam uma profissão e arrumaram emprego com carteira assinada. Mesmo assim, o Projeto Providência sempre precisou de apoio, pois o número de crianças e jovens que necessita de ajuda nunca parou de crescer. Em 2000, mais uma comunidade de baixa renda foi contemplada pelo Projeto Providência. A Unidade Fazendinha foi inaugurada no Aglomerado da Serra. Lá, a história das unidades anteriores se repetiu, muitos frutos bons brotaram e Nossa Senhora Mãe da Divina Providência cobriu com seu manto de esperança mais centenas de crianças, jovens e suas famílias. Aqueles que ajudam o Projeto cumprem o que disse Jesus: “Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber” (Mt 25, 35). Felizmente, há pessoas, instituições, representantes do Poder Público e outros segmentos que são sensíveis à causa da criança, do adolescente e do jovem de baixa renda e, graças a eles, é que o Projeto vem realizando em todos esses anos os ensinamentos do Evangelho. “Na

comerciais, ONGs, Rádio Comunitária, escolas públicas, escolas de capoeira e kung-fu. Mas são bairros que concentram também um dos bolsões de miséria do município, apresentando alto índice de desemprego, violência e tráfico de drogas. Concentram também o maior número de assistidos pelo programa Bolsa Escola da regional Nordeste e vivenciam problemas em setores como o de transporte coletivo e de assistência à saúde.

A energia elétrica ainda não está disponível para todas as moradias. Excetuando-se ruas principais, que são asfaltadas e mais largas, o restante das vias são becos com calçamento e às vezes sem esgoto, como é o caso da Vila Maria.

Alguns alunos atendidos fazem parte de uma comunidade economicamente pobre e que exige uma proposta de trabalho voltada para a formação da criança no âmbito social, afetivo, cognitivo e com atendimentos especiais (inclusão).

Nossa escola também possui alunos que apresentam dificuldades emocionais (psicológicas) e pedagógicas causadas por problemas familiares de toda ordem: pais muito jovens, sem formação e perspectiva profissional, violência doméstica, pais viciados, abandono familiar, desnutrição, pais analfabetos ou semianalfabetos, delinquência, banditismo, desemprego, baixa autoestima.

Criado há 25 anos o bairro conta com o Projeto Providência que atende a crianças e adolescentes carentes de três favelas, em Belo Horizonte. São quase 2,5 mil estudantes e cerca de 200 educadores, em três unidades. Todas em áreas de risco social. Um projeto deste porte custa caro, cerca de R\$ 10 mil, por dia. Como nenhum aluno paga nada, o dinheiro tem que vir de algum lugar. A prefeitura e a iniciativa privada ajudam, mas não dá para fechar as contas no fim do mês.

O bairro conta com o Sesc Senat, uma escolinha de futebol gratuita e um campinho de terra como espaço de lazer juntamente com a Escola Aberta nos finais de semana, com oficinas oferecidas por pessoas da própria comunidade e dentre essas oficinas, a Capoeira; aspectos positivos do bairro na visão dos alunos da escola em relação as oportunidades social, cultural e de lazer oferecidas na região.

As famílias são predominantemente de religião evangélica, mas muitas são católicas. O bairro possui muitas igrejas evangélicas e já presenciei relatos de alunos que vivenciaram e/ou foram vítimas da intolerância religiosa para com as religiões de matriz africana. A maioria das crianças se auto intitula de cor preta ou parda, ou seja

verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Fonte: <http://projetoprovidencia.org/o-projeto-providencia/>

negras, com problemas relacionados à aceitação da cor e das características físicas relacionadas a esta etnia. Há uma baixa escolaridade na comunidade, muitos são analfabetos e uma minoria possui escolaridade a nível de 2º grau.

3 - JUSTIFICATIVA

É importante discutir a temática racial nas escolas e implementar a Lei 10.639/03 para que a mesma seja executada no âmbito escolar. Essa temática não é discutida de forma ampla na escola e não está presente no Projeto Político Pedagógico. Apesar de citada na Grade Curricular, ela não é trabalhada de maneira efetiva; apenas em algumas disciplinas e por determinadas professoras de modo isolado, sem abranger o coletivo. Em geral é discutida com mais abrangência nas datas como 13 de Maio e 20 de Novembro e eventos esporádicos.

O ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana busca implementar a Lei 10.639/03 no espaço escolar e provocar uma discussão acerca da temática, dar visibilidade a esta proposta educativa é fundamental para caminhar em direção a uma educação antirracista.

O objetivo deste trabalho é promover a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial na escola a partir do enfrentamento estratégico de culturas e práticas discriminatórias e racistas institucionalizadas presentes no cotidiano das escolas que excluem e penalizam às crianças negras, comprometendo a garantia do direito à educação de qualidade de todos e todas. Pretende-se com esse trabalho alcançar um resultado positivo informando o coletivo escolar sobre a Lei 10.639/03, propiciando aos professores e alunos se apropriarem de novos saberes sobre a cultura afro-brasileira.

Através de ações pedagógicas; transmitir valores étnicos-raciais e conhecimentos voltados à Cultura Afro-brasileira, na tentativa de combate ao preconceito, discriminação e racismo. Desenvolver ações que possibilitem aos alunos o conhecimento da História da África e da Cultura Afro-brasileira criando mecanismos através dos quais as crianças negras tenha garantida a sua visibilidade no ambiente escolar; possibilitando a melhoria das relações e atuando de forma consciente e dialógica contra o preconceito, a discriminação e o racismo; valorizando nos afrodescendentes a sua beleza estética e cultural.

A maioria das pessoas que estão envolvidas no contexto escolar a partir de um discurso de igualdade entre as crianças; muitas vezes negam o problema do racismo na escola por não saberem lidar com essa situação ou simplesmente por não darem a esse

problema o devido reconhecimento. Existe uma grande dificuldade de compreenderem a questão racial como um direito dos alunos e alunas e de toda uma comunidade escolar.

O currículo escolar privilegiou uma educação voltada para os grupos dominantes. O que se vê nos últimos 12 anos foi uma tentativa de corrigir distorções sofridas por essa população por séculos e séculos de escravidão e no âmbito educacional essa correção se legitimou através da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o Estudo da História e Cultura da África nas instituições de ensino, fruto das pressões do Movimento Negro brasileiro sobre a escola e o Estado ao longo do século XX. "Trata-se, sem dúvidas, de políticas de reparação pelos sérios danos causados que o racismo e políticas tácitas de exclusão dos negros da sociedade brasileira vêm causando, há cinco séculos." (Silva, 2010, p.39).

A nossa maior clientela no ambiente escolar é negra, mas infelizmente a escola é uma instituição criada para perpetuar as ideias de um grupo dominante na tentativa de homogeneizar toda uma sociedade. Para Abramowicz (2010) o preconceito e a discriminação, ainda que de forma escamoteada, são muito presentes na escola e essa instituição, apesar de utilizar o discurso da igualdade, não respeita as diferenças e, diante disso, as crianças negras, para obter sucesso na escola, precisam "*branquear-se*".

Uma criança que sofre racismo na escola ou em qualquer outro lugar carrega contigo uma seqüela psicológica, social e cultural. A depreciação da pessoa negra gera uma série de sentimentos negativos em relação a sua própria autoestima e contribuiu para o fortalecimento de atitudes racistas, discriminatórias e preconceituosas de toda uma sociedade a um povo que já teve sua identidade enfraquecida por ter sido sequestrado de seu lugar de origem perdendo-se dos seus e de suas raízes através da escravidão.

O racismo, preconceito e discriminação, com base nos atributos étnicos, na sociedade brasileira e no cotidiano escolar, produz males a todos os indivíduos da sociedade. Para os indivíduos negros, ela acarreta, segundo Cavalleiro (1998) e Silva (2003), citada por Videira :

- auto-rejeição, rejeição ao seu outro igual, rejeição por parte do grupo;
- desenvolvimento de baixa auto-estima, com ausência de reconhecimento da capacidade pessoal, timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula;

- ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial;
- dificuldade de aprendizagem;
- recusa em ir para a escola e exclusão escolar.

Ainda segundo tais autoras, para o aluno branco, o racismo, o preconceito e a discriminação racial acarretam:

- cristalização de um sentimento irreal de superioridade: étnico, cultural, estético, intelectual, etc.;
- perpetuação do racismo, preconceito e discriminação étnicos nas outras relações estabelecidas pelos alunos.

A escola desempenha um papel conservador e excludente quando não contempla os alunos negros nos seus conteúdos baseado num modelo de educação "embranquecida". Utilizando o discurso da igualdade a escola não respeita as diferenças a partir do momento que reproduz um modelo de sociedade homogeneizadora. Ela reproduz a ordem social legitimando a exclusão de grupos "minoritários" privilegiando determinado grupo através de políticas públicas e práticas educacionais padronizadas.

A escola usa o discurso da igualdade racial como se não houvesse diferenças entre os vários sujeitos envolvidos neste contexto racial, social e econômico. E essas diferenças em relação ao padrão eurocêntrico pré-determinado são vistas como algo negativo. Isso possibilita um racismo institucional muitas vezes velado pelo preconceito em relação à questão social deixando de lado à cor da pele ou raça; pois esse assunto ainda é tabu na nossa sociedade que visualiza o Brasil como um país miscigenado onde o racismo não existe. Segundo Anete Abramowicz et.al. (2010) afirmam:

Esse discurso da igualdade tenta construir uma equidade entre os alunos de uma quimérica democracia racial a partir da ideia de que vivemos em uma sociedade harmoniosa racialmente e que o possível preconceito existente se refere à questão de classe social e não à cor da pele ou raça, fato que dificulta a discussão do assunto que ainda se encontra como tabu na sociedade, não devendo ser falado, não discutido.

No imaginário da maioria da nossa população o Brasil é um país onde predomina uma democracia racial. O mito da democracia racial vem desde a década de 1930, ocultando a verdadeira face do racismo brasileiro. O Brasil declarou extinta a

escravidão sem nenhuma oportunidade de inclusão para os negros. Com a imigração maciça de trabalhadores europeus, a população negra ficou desamparada. Os escravos se tornaram miseráveis e marginalizados nas cidades, se tornando muitas vezes culpados de sua própria exclusão, supostamente por não estarem aptos para o trabalho livre ou não saberem fazer uso da liberdade concedida. Embora Gilberto Freyre não use o conceito da "democracia racial" em seus escritos, contudo foi ele que provocou a discussão acadêmica sobre este tema, com seu livro "Casa grande & Senzala" (1933) conforme nos diz Strieder (2001, p.20).

Diante desse contexto o problema do racismo é algo que não só atinge o ambiente escolar como toda uma sociedade. Os sujeitos envolvidos nessa questão racial se encontram na instituição escolar e ocupam vários cargos e funções dentro dela mas a clientela mais atingida e afetada pela questão do racismo são os alunos haja vista que como crianças desconhecem toda uma história de escravidão que se perpetua durante séculos e toda uma mística que colabora e faz disseminar esse mal que vem destruindo todo um povo a partir da desvalorização étnica. Segundo Anete Abramowicz et.al (2010) revelam:

A escola encontra-se presa a esse modelo estrutural, pois temos um arquétipo de políticas públicas e de formação excludente de se entenderem e pensarem as diferenças. Dessa forma, geralmente, 'negamos o múltiplo' e utilizamos um padrão, em geral, único para avaliar e validar todos os demais; no entanto, os que não fazem parte dele são 'excluídos', 'deixados de fora'; por isso, precisamos romper com ele, pois abre precedentes para o racismo, já que as diferenças em relação ao padrão são vistas como algo negativo.

Através de "brincadeiras", estereótipos e apelidos pejorativos essas crianças convivem na escola com um racismo velado mas que causa grandes sequelas emocionais por muitas vezes irreparáveis. Esses apelidos, brincadeiras e situações desqualificam e desumanizam as pessoas negras.

Muitas ideias em relação ao negro se formaram na época da escravidão e vem se propagando desde os dias atuais. Hoje são preconceitos que se impregnaram na nossa sociedade e se cristalizaram formando conceitos falsos que ainda circulam no Brasil.

4 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A LEI 10.639/03 E AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrado nas aulas de História com o tema da escravidão negra africana. A Lei 10.639/03 é fruto das pressões do Movimento Negro brasileiro sobre a escola e o Estado. Tratar a questão racial no ambiente escolar é um direito do aluno. O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. A Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

A Lei n.10.639/2003 pode ser considerada um ponto de chegada de uma luta histórica da população negra para se ver retratada com o mesmo valor dos outros povos que para aqui vieram, e um ponto de partida para uma mudança social. Na política educacional, a implementação da Lei n. 10.639/2003 significa ruptura profunda com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população negra, essa lei deve ser encarada como desafio fundamental do conjunto das políticas que visam a melhoria da qualidade da educação brasileira para todos e todas. Contribuições para a Implementação da Lei 10.639/2003: Brasília, 2008.

Do ponto de vista do Movimento Negro, tanto negros como não-negros devem ter uma educação enegrecida, ou seja, voltada para a educação dos negros levando-os a construir um pertencimento étnico-racial tendo o reconhecimento da sociedade na construção histórica e cultural dos africanos e seus descendentes. E para os não-negros uma educação que compreenda os vários modos de pensar, de ser, de viver de diferentes povos e culturas. Espera-se que os não-negros pratiquem a alteridade, tornando-se capazes de deslocar o olhar de seu próprio mundo para o universo do outro.

No tocante ao movimento negro, as inúmeras lutas sociais por uma efetiva integração travadas após a abolição esbarraram na visão instituída durante o período colonial que dificultava o acesso da população afro-brasileira, em condições de igualdade, a duas esferas principais da vida social: o mercado de trabalho e a educação. Contribuições para a Implementação da Lei 10.639/2003: Brasília, 2008.

A lei já é obrigatória, mas é necessário salientar a importância da formação dos professores, muitos deles ainda estão voltados para uma educação eurocêntrica, sem preparo para ministrar aulas com conteúdos multiculturais. Muitos docentes ainda possuem uma visão

pedagógica monocultural. E o que dificulta a efetivação desse direito é também a falta de formação dos diversos sujeitos responsáveis pelo trabalho pedagógico dentro da escola o que torna essa legislação menos efetiva. Para Gomes et.al (2010):

O processo de formação continuada para a diversidade étnico-racial atuou como elemento propulsor de mudança de postura dos professores/as que dele fizeram parte. Porém, essa mudança não atingiu a escola como um todo e nem todos ex-integrantes do processo de formação continuada aqui discutidos. A formação adquiriu significado especial para aqueles docentes que, com níveis diferenciados, já chegaram aos cursos de extensão e aperfeiçoamento ou procuraram porque sentiam instigados a realizar um trabalho significativo com a questão racial na sua prática pedagógica ou já realizavam trabalhos esporádicos e desejavam aprofundar seus conhecimentos.

É preciso que haja elementos que extrapolem a lei, para que a mesma passe a vigorar de maneira consistente, a partir da vontade política, financiamento, acompanhamento, avaliação e monitoramento das ações. Se caso essas ações não forem inseridas de forma sistemática na prática pedagógica das escolas, nesse caso os gestores dos sistemas de ensino, das escolas da educação básica, das universidades poderão ser cobrados pela comunidade, pelos movimentos sociais, pelo Ministério Público e pelo próprio Ministério da Educação.

A cultura africana, quando trazida para a sala de aula, reconstrói nos sujeitos escolares uma imagem positiva do continente africano, como também eleva a autoestima dos alunos afrodescendentes, os quais, apesar de viverem no seu dia-a-dia a cultura africana, ao chegar à escola se deparam com conteúdos pedagógicos que revelam uma realidade voltada para os conteúdos de origem eurocêntrica. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

A cultura negra é silenciada na escola, um silêncio que corresponde à inexistência e não simplesmente ao ato de calar-se, omitir ou abafar, mas como uma maneira de não ver, de relegar, um 'pacto' que não deve ser quebrado, pois senão teríamos que refazer currículo, refazer a escola. Diante disso, a escola reproduz um discurso baseado na igualdade de todos os alunos. ABRAMOWICZ e et.al (2010)

O papel da escola é usar a alteridade como meio para se trabalhar certas temáticas da diversidade, abolindo práticas de supressão de toda forma de diferença, desfazendo certos conceitos, naturalizações e homogeneizações sutis.

O cabelo

Foi baseado em experiências pessoais relacionadas ao cabelo que decidi, por vontade própria, assumir os meus cabelos crespos pois já estava cansada de investir em técnicas de alisamento para tentar atingir um padrão de beleza que me foi imposto desde criança, principalmente pela mídia televisiva, que sempre ressalta e tem como referência os padrões eurocêntricos. E mesmo nessa tentativa frustrada de atingir tais padrões, nunca estive totalmente satisfeita com os resultados obtidos.

Após abandonar o alisamento à "ferro quente" depois de décadas de utilização do mesmo, optei pelo permanente-afro que a princípio valorizava os cachos. Nunca gostei de um cabelo totalmente liso, mas queria cachos definidos e ter a possibilidade de usar os cabelos soltos pois com o alisamento à ferro quente eles ficavam minguados, sem peso e balanço, razão pela qual sempre os mantive presos. A minha transição capilar do permanente-afro para o natural se deu precisamente em 28 de setembro de 2013, quando fiz o BC¹¹, cortando parte dos cachos de permanentes para a partir daí começar a transição até eles ficarem totalmente crespos. Fazer ou não o BC é uma decisão muito complexa a ser tomada pois envolve diretamente a autoestima, sendo assim, a única pessoa capaz de responder esta questão é a própria pessoa que está passando pela situação.

Minha mudança pessoal acabou incentivando positivamente algumas colegas de trabalho a fazer o mesmo, ou seja assumir seus cabelos crespos. A princípio Nara Lúcia de Paula Fan, a diretora; depois Suely Regina Silva Santos, auxiliar de biblioteca, Claudia Carvalho, atualmente coordenadora e Ana Lúcia, professora de Jogos. Tais mudanças pessoais desse grupo de profissionais, serviram de incentivo a muitas alunas

¹¹ BC = Mais conhecido como BC, o Big Chop (Grande Corte), é um termo utilizado para se referir ao corte de toda parte com química do cabelo. É sem dúvida uma decisão e tanto a se tomar. Quem passa pela transição capilar, sabe muito bem como é difícil lidar com as duas ou mais texturas do cabelo. E pra acabar com esse problema, nada melhor do que "cortar o mal", e na maioria das vezes nem precisa ser pela raiz! Dependendo do tempo de transição, o cabelo fica até grandinho. Mas, nem todo mundo simpatiza com o curtíssimo, por isso, prefere ir cortando as pontinhas aos poucos, até retirar toda a química do cabelo. É uma opção também. Fonte: <http://cacheia.com/2013/12/quem-tem-medo-do-bc/>

que passaram a valorizar seus próprios cabelos criando penteados que as valorizasse. Passaram a discutir a questão do cabelo e resolverem conflitos inerentes a essa temática de forma mais confiante; expondo os preconceitos e estereótipos sofridos dentro da escola. E quase sempre recorriam às pessoas pelas quais elas mais se identificavam para tratar dessa questão, normalmente esse grupo de mulheres e negras que assumiram sua própria Identidade.



Fonte: Acervo de Suely Regina Silva Santos e Claudia Carvalho.

A nossa própria diretora Nara Lúcia de Paula Fan foi convidada para dar um relato da sua "Saga Capilar", como ela mesma se intitula na Escola Municipal Henriqueta Lisboa: "Meu cabelo: AMO! Uma história de reconquista!"



Fonte: Acervo de Nara Lúcia de Paula Fan.

O cabelo tem forte significado na construção da identidade afrodescendente. Sabemos que a população negra enfrenta vários outros desafios sociais e que muitos consideram essa questão do cabelo como secundário ou como algo que nem há necessidade de ser discutido. Mas para a mulher o cabelo crespo está sempre associado à uma questão negativa, porque o cabelo crespo não é referência e nem padrão de beleza. O corpo é aquilo que somos, e aquilo que nos representa e essa relação precisa ser bem desenvolvida. O racismo desumaniza, nos faz criar rejeição pelo nosso próprio corpo. Os padrões de beleza europeizados impostos a sociedade tira a liberdade de escolha estética dos negros a partir do momento que reflete psicologicamente um contexto de opressão e impacto da colonização racista.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (Gomes, 2002, p.3)

Desde a Antiguidade os cabelos tem toda uma atenção especial na cultura africana, onde teve influências estéticas na formação das identidades das civilizações dos países escravocratas e no Brasil. Os penteados afro formam um forte elo com a África fazendo com que o cabelo seja um modo peculiar de ser africano no Brasil.

O cabelo é a comunicação do indivíduo com o mundo. Através do cabelo esse indivíduo revela sua beleza e seu padrão estético. Para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade.

Numa sociedade de supremacia branca os cabelos alisados são considerados mais próximos dos cabelos "bons" pois se assemelham mais aos padrões estéticos pré-estabelecidos. Apesar das diversas mudanças na política racial, às mulheres negras continuam insatisfeitas com os seus cabelos e o mercado consumidor insiste em aproveitar dessa insatisfação para reforçar o segregacionismo branco.

Assumir os cabelos crespos é se opor ao alisamento, o que torna o seu estilo uma decisão política. Frequentemente, as mulheres negras expressam desprezo por aquelas que escolhem tal aparência. Escolher individualmente usar o cabelo crespo é reafirmar uma identidade. É transcender uma realidade de autonegação. Vivemos em uma sociedade racista e sexista e isso afeta o grau em que nos sentimos aceitáveis aos olhos dessa sociedade. Assumir os cabelos crespos é tomar consciência crítica sobre as questões raciais e de beleza estética.



Fonte: Autoria própria.

5 - DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

No início do ano em fevereiro quando comecei o curso tive uma conversa rápida no meu horário de recreio com algumas professoras sobre o objetivo do LASEB e da PBH sobre a Implementação da Lei 10.639/03 no ambiente escolar. Naquele momento anunciei que no decorrer de 2014 teria que executar na escola um Plano de Ação como exigência para a conclusão do curso.

A princípio iniciei o Plano de Ação com um questionário com o objetivo de saber se a escola constrói uma Educação Etnocêntrica ou uma Educação Antirracista. O resultado foi o seguinte:

Foi distribuído a maioria dos funcionários da escola um questionário com a seguinte questão: Descubra que tipo de educação sua escola prioriza ETNOCÊNTRICA ou ANTIRRACISTA?

Nº de funcionários entrevistados: 65 pessoas

Direção e coordenação: 4 pessoas

Professores dos 2 turnos: 27 pessoas

Funcionários da secretaria, limpeza, portaria, guarda-municipal, biblioteca, Escola Integrada: 34 pessoas

O número de funcionários que participaram da entrevista foram 65 pessoas. Analisando o resultado individual de cada pessoa entrevistada o resultado da escola foi uma Educação Antirracista. Ou seja, de acordo com o resultado da maioria, a Escola Municipal Prefeito Souza Lima está na fase do "reconhecimento", segundo as análises dos resultados do teste:

"Muito bem! Sua escola está no itinerário correto! Reconhece a necessidade urgente de transformar a escola em um espaço e luta contra o racismo e a discriminação. Os alunos aprenderam conceitos e temas sobre os diferentes grupos sociais presentes na sociedade. A realidade do aluno é reconhecida e trabalhada. Projetos de trabalho são empreendidos sobre a questão racial. É um bom começo! Continue a enfrentar esse belo desafio!"

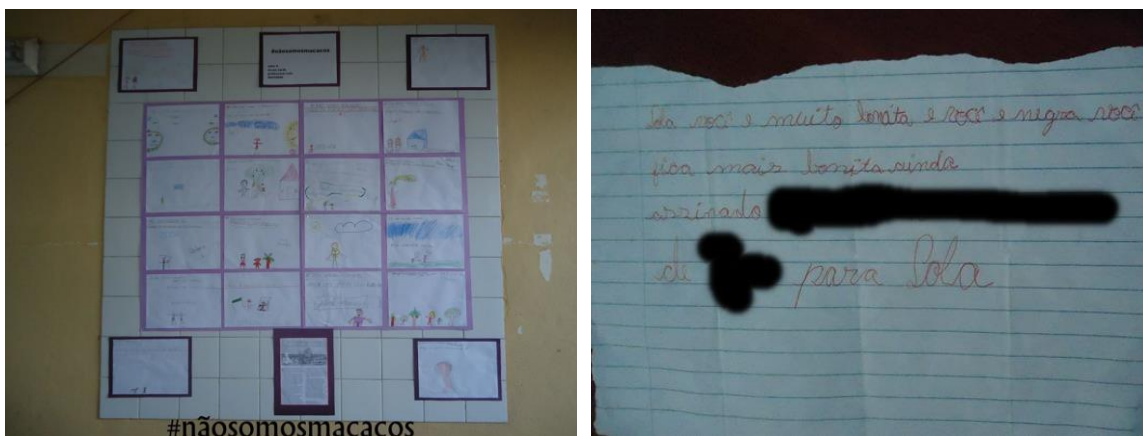
O resultado da pesquisa não condiz com a realidade da escola. O que mais me chamou à atenção foi que justamente o resultado individual do grupo dos professores foi o que mais favoreceu esse "Reconhecimento". Mas essa não é a realidade da escola. A

fatos que comprovam que esse resultado não condiz com a realidade escolar e foram citados na justificativa. Constatei observando também os conteúdos lançados nos diários dos professores, salvo com raríssimas exceções e observando o caderno dos alunos. E quando o tema racial é trabalhado na escola normalmente é direcionado às disciplinas de História e Geografia. A maioria dos professores ainda tem essa visão disciplinar considerando que o tema é irrelevante às outras disciplinas.

Durante o 1º semestre trabalhei com o tema étnicorracial nas minhas 4 turmas onde leciono Ciências, Geografia e História e decidi naquele momento trabalhar somente com essas turmas a História da África até por ser mais viável e não encontrar tantas dificuldades de se trabalhar essa temática com os alunos. Usei de situações cotidianas divulgadas pela mídia para detonar esse assunto como a polêmica: #somostodosmacacos. Tive o apoio da auxiliar de biblioteca Suely Regina Silva Santos que me forneceu material de apoio e me deu algumas sugestões.



Fonte: Autoria própria



Fonte: Autoria própria.

Após o trabalho em sala de aula discutindo a questão do racismo, recebi de um aluno essa cartinha. Ele se autodeclara negro e de cor parda, algo também trabalhado e discutido nas minhas aulas. Ele sofre com as constantes piadinhas dos colegas em relação às questões de gênero.

Dada a importância da temática étnicorracial e a exigência do curso de se tornar o Plano de Ação algo mais coletivo fui sondando com algumas colegas a possibilidade de se trabalhar esse tema no ambiente escolar. E comunicando a direção algumas intenções em termos de contratação de pessoas mais bem informadas sobre esse assunto para ministrar palestras para as docentes e realizar oficinas com as crianças.

A princípio entrei em contato com Énia Dara que realiza também nas escolas um trabalho voltado às questões étnicorraciais desenvolvendo oficinas com as seguintes temáticas: Empoderamento através do Turbante e de Maquiagem Conceitual Afro Contemporânea. Mas devido a sua agenda comprometida essa oficina não pode ser realizada em 2014. Porém a nossa professora do AEE¹², Izabel Cristina; realizou um trabalho belíssimo e similar ao de Énia Dara quando fez um Painel de Fotografias intitulado: "Beleza de uma Raça", onde alunos e funcionários negros da escola foram fotografados usando turbantes, amarrações e roupas no estilo afro.

Alguns professoras também sugeriam às reuniões noturnas para se fazer a formação do grupo. Muitas se dispuseram a trabalhar com seus alunos essa temática mais deixaram claro a insegurança em dominar certas questões ligadas a História da África por falta de informação e desconhecimento sobre o assunto.

¹² Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência, transtornos do desenvolvimento ou altas habilidades.

Então pensei que a escola pudesse contratar uma palestrante para ministrar essa formação sabendo que não participo das reuniões noturnas e nem trabalho no turno da manhã. Comecei então uma busca por recursos materiais com essa temática na biblioteca da escola e descobri um acervo rico e pouco utilizado de livros acadêmicos, revistas, literatura infantil (os mais explorados) e DVD's.

Iniciei meu trabalho com a apresentação de filmes que abordavam esse assunto como: Príncipes e Princesas, Kirikou I e II, Vista minha Pele, Pode me chamar de Nadi e o Teste do Pescoço. Uma Mostra de filmes e documentários onde todos os alunos do turno da tarde puderam usufruir.

Devido a greve e a paralisação os trabalhos executados com os alunos das turmas onde leciono foram interrompidos.

Retomei a ideia de execução do Plano de Ação com uma conversa informal com algumas professoras ao saber da Feira de Cultura sobre o tema: FOLCLORE. Sugeri a uma das coordenadoras que se mudasse o tema da feira para FEIRA DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA para não associar às questões étnicorraciais ao Folclore.

A princípio ela me disse que levaria o assunto para o turno da manhã que já havia decidido desenvolver o tema FOLCLORE. Tive a oportunidade de conversar com algumas professoras que dividiam comigo o meu ACPATE¹³ e se dispuseram a desenvolver a temática: Diversidade e Cultura Afro-Brasileira sugerindo até alguns temas trabalhados por elas em outras instituições de ensino como: Máscaras Africanas, Literatura Afro-brasileira, Culinária Africana, Símbolos Adinkra, dentre outras.

A coordenadora me informou sobre a necessidade de se fazer uma discussão da temática voltada para os aspectos positivos da mesma não ressaltando a supremacia de uma raça sobre a outra. Relatou um fato relacionado às questões étnicorraciais ocorrido entre um aluno negro e uma aluna branca do turno da manhã priorizando a importância de se trabalhar tais situações na tentativa de minimizar esses acontecimentos.

Falei da intenção do meu Plano de Ação ser voltada para as questões de

¹³ Atividades Coletivas de Planejamento e Avaliação do Trabalho Escolar - O artigo 13 da Lei 9394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma ser dever dos docentes "V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;". O artigo 67 da mesma lei institui que os sistemas de ensino deverão assegurar aos profissionais da educação um "período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho" (art. 67, inciso V). Portanto, todas as professoras, educadoras e profissionais do magistério têm o dever e o direito de reservar algum tempo dentro da carga horária diária ou semanal para estudo, planejamento e avaliação. Fonte:<http://educacaoinfantilpbh.blogspot.com.br/2008/05/2-temos-direito-ao-horrio-de-projeto-de.html>

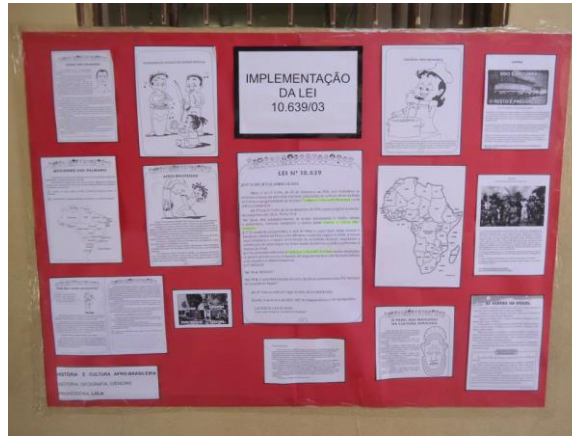
valorização da raça, mas que a título de conhecimento era preciso trabalhar o lado "negativo" (real: racismo, preconceito e discriminação) da temática. Ela sugeriu uma melhor preparação do quadro de professores sugerindo formação dos mesmos na medida do possível.

Ressaltando que trabalho só no 2º turno e que não tenho acesso e nem disponibilidade de tempo para uma discussão mais ampla com outras pessoas fora do meu horário de trabalho, a coordenadora sugeriu que se fizesse a Feira de Cultura Afro-brasileira no mês de Setembro para entrega do Plano de Ação em partes executado; dispensando a Feira de Folclore e possibilitando a apropriação mais adequado do grupo de docentes e envolvidos nessa temática..

Achei de certa forma mais coerente pois trabalhar a Negritude associada ao Folclore só estaria reforçando um estereótipo em relação a cultura negra. E o objetivo desse trabalho é valorizar uma etnia e assim estaríamos estigmatizando e reforçando um preconceito já existente na nossa sociedade. Tratando determinados assuntos como folclóricos.

Falei da possibilidade de se trabalhar outra temática: o Currículo, haja vista a dificuldade que eu percebi de executar essa tarefa sistematicamente com o coletivo escolar percebendo a dificuldade e resistência de se trabalhar essa questão até mesmo pelo relato de outras cursistas em relação às suas escolas de origem. Acredito que na escola onde leciono esse desconforto aconteça devido a preocupação do grupo de se inteirar melhor da temática em questão. A coordenadora me assegurou que o adiamento da feira não teve relação com o tema abordado e se comprometeu a sentarmos juntas e elaborarmos com mais tempo um planejamento para a realização da feira.

A Feira de Cultura Afro-Brasileira realizou-se no dia 13 de setembro e todos os temas foram devidamente trabalhados em sala de aula e apresentados nesse evento. Tivemos a apresentação da Capoeira que já faz parte das oficinas realizadas na escola. Foi feita uma oficina de dreadlocks, apresentação de Capoeira, Samba de Roda, exibição de documentários envolvendo a temática, exposição de trabalhos feitos pelos alunos como as Máscaras Africanas, Símbolos Adinkra, Bonecas Abayomis, dentre outros. Foram servidos uma Feijoada e um Chá de Amendoim.



Fonte: Autoria própria.

Numa ocasião tive a oportunidade de pedir uma excursão das 4 turmas onde leciono para a Casa África, mas devido ao alto custo da mesma a Casa África esteve na escola no dia 29 de Novembro para um Afro diálogo com professores e alunos. Esse diálogo foi realizado em 3 dias nos 2 turnos.



Fonte: Autoria própria.

Nesse mesmo dia participei de um relato no Auditório Neidson Rodrigues sobre a minha prática pedagógica na EMPSL, juntamente com Patrícia Santana no Encontro Temático do Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Fui convidada pelo meu orientador Rodrigo Ednilson e Yone Gonzaga; acredito que pelas fotos da Feira de Cultura que repercutiram positivamente na Internet e pela própria execução do meu Plano de Ação, participei relatando sobre minha prática na escola. Foi uma experiência muito enriquecedora pra minha vida pois não me sentia capaz de enfrentar um público tão especial. Mas acredito que tenho muita boa vontade e uma tremendo desejo de que a Lei 10.639/03 seja verdadeiramente implementada nas instituições de ensino de maneira efetiva.

Algumas alunas da professora Shirlei Resende Sales estiveram presentes na escola onde leciono para fazerem algumas filmagens sobre o cotidiano da sala de aula abordando essa temática. Fui convidada por elas para uma entrevista em forma de web-aula (https://youtu.be/Dalu1_153mg) juntamente com outras colegas do LASEB e Júnia

Silva da Costa, Mestra em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis/ Rio de Janeiro; com o tema Cultura Negra para a disciplina Teoria de Currículo, colaborando com a execução do trabalho acadêmico deste grupo de alunas por intermédio de Katiane Santos Oliveira.



Fonte: Autoria própria.

Após a realização desta feira também fui convidada pela Júnia Silva da Costa da equipe do Programa Ações Afirmativas na UFMG, para um relato na Escola Municipal Hilda Rabello Matto da minha experiência profissional com o Plano de Ação para os profissionais desta escola. Algo que me ajudou muito no contato com o público; quebrando assim um pouco da minha timidez.



Fonte: Autoria própria.

Estamos engatinhando em direção a uma educação antirracista mas tenho como objetivo conscientizar o coletivo escolar da importância de se reformular o currículo, haja vista a dificuldade que ainda percebo de se fazer desse assunto parte integrante do mesmo. Acredito que só teremos o devido "reconhecimento" quando todos os segmentos da escola se comprometerem de forma profissional para a implementação da Lei 10.639/03 no âmbito escolar.

Esse assunto é bastante polêmico e causa um certo constrangimento. Mas é preciso viabilizar essas questões étnicorraciais pautadas no direito de igualdade e equidade. É papel da escola formar cidadãos que possam atuar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

6 - CONCLUSÃO

Concluo que esse trabalho foi extremamente proveitoso para a escola, apesar dele não ter se efetivado de acordo com o que se espera da aplicabilidade da Lei 10.639/03. Muitos professores se sensibilizaram com as questões étnicorraciais em intensidades diferentes, mas ainda se baseiam na má formação para evitar o trabalho sistematizado com o tema dentro da sala de aula, deixando sempre a cargo dos professores que já trabalham tais conteúdos com mais frequência, ou seja, principalmente os professores de História. Muitos estão tentando, apesar da pouca formação, incluir nos seus conteúdos as temáticas envolvendo essa questão, mas ainda de maneira equivocada, quando deixam de fazer desse assunto parte integrante do currículo oficial.

Acredito que se continuarmos com a formação como a que aconteceu com a visita do Cônsul Honorário do Senegal e Presidente da Casa África no Brasil, Ibrahima Gaye, teremos uma incentivo maior como o que presenciei com a visita do mesmo. A repercussão e a visibilidade da Feira de Cultura Afro-Brasileira que ocorreu na escola por meio da Internet ressaltou o belo trabalho dos alunos e professores a respeito da temática étnicorracial. Os elogios, os incentivos, a valorização também fizeram parte do reconhecimento pelo trabalho desenvolvido por esse grupo de profissionais, e na atual circunstância isso serviu como combustível. Tanto alunos quanto a equipe escolar necessitam de mecanismos de motivação para implementarem nas escolas a temática voltado para as relações étnicorraciais.

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola. BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: CNE/CP 3/2004.

Algumas lacunas foram sendo percebidas no decorrer desse trabalho. Observei que os alunos ainda permaneceram com uma visão selvagem da África. O trabalho com a Literatura Infantil quase sempre mostrando uma África mítica e toda uma mídia que reforça uma África estereotipada; ainda ficaram presentes no imaginário infantil. A partir do Afro-diálogo e de perguntas dirigidas aos alunos sobre a África essa constatação ficou bem nítida principalmente pelo nível das respostas dos alunos.

A visita do Cônsul Honorário do Senegal no Brasil e Presidente da Casa África, Ibrahima Gaye; relatando sua vivência em relação ao continente africano e mostrando uma imagem da África ainda pouco reconhecida não foi o suficiente para quebrar esse estereótipo de uma África Selvagem. Acredito que esse imaginário tenha sido reforçado pelos constantes trabalho ligado à determinados livros e filmes infantis abordando essa temática étnicorracial. Os alunos mantiveram uma visão da África retratada no filme: Kiriku I e II; algo que em outro momento deve ser quebrado com uma apresentação de imagens reais retratando a África assim como ela é.

Sinto que faltou um grupo de estudos na escola para dar suporte aos professores que se sentiram mais inseguros para trabalhar essa temática e acredito que poderemos em uma outra oportunidade envolver a comunidade escolar informando-a sobre a importância da Lei 10.639/03. Ainda falta muita informações para os pais e para muitos professores ou talvez desinteresse pelo tema trabalhado; pois muitos ainda não compreenderam a importância dessa temática principalmente para as crianças negras da escola.

É preciso criar um cronograma de atividades a serem executadas durante todo o ano letivo permitindo que esse assunto permeie os conteúdos programáticos escolar. E não somente visite o currículo em datas específicas e eventos esporádicos. Ainda falta muita fiscalização dos órgãos competentes para inspecionar o cumprimento da Lei 10.639/03, assim como verbas específicas direcionadas a esse trabalho.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino e. Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: CNE/CP 3/2004.

Contribuição para a Implementação da Lei 10.639/2003: Proposta de Plano Nacional De Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana - Lei 10.639/2003. Brasília, 2008.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado).

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro. Belo Horizonte. Mazza Editora, 2008.

STRIEDER, Inácio. Democracia Racial - A partir de Gilberto Freyre

VIDEIRA, Piedade Lino - Criança Negra e Discriminação Étnica na Escola e movimentos pela Educação Popular

8 - APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DE DEPOIMENTOS

Autorizo o uso de imagem e de depoimentos do(a) estudante(a) _____ sem fins comerciais na divulgação do estudo intitulado “**Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo preconceitos e estereótipos**”, desenvolvido, sob coordenação da PBH/UFMG/FaE/LASEB, pela professora Luciângela Amanda Reis. Ação que se propõe viabilizar atividades pedagógicas com os alunos do 1º ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prefeito Souza Lima, sobre as questões étnico-raciais pautadas na Lei 10.639/03.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2014.

9 - ANEXOS

Questionário de Educação Etnocêntrica ou Antirracista do livro Almanaque Pedagógico Afro-Brasileiro de Rosa Margarida de Carvalho Rocha.

Observação: As respostas dadas neste questionário terão caráter sigiloso, serão divulgados apenas dados estatísticos.

Faça o teste e descubra que tipo de educação sua escola prioriza Etnocêntrica ou anti-racista?

Em minha escola... Marque um x na alternativa que corresponde à realidade de sua escola

	A	B	C
1 A trajetória histórica do negro é estudada... a - No 13 de Maio, no mês do folclore, no 20 de Novembro. b - Como conteúdo nas várias áreas que possibilitem tratar o assunto. c - Não é estudada.			
2 Acredita-se que o racismo é para ser tratado... a - Pedagogicamente pela escola. b - Pelos movimentos sociais. c - Quando acontecer algum caso evidente na escola.			
3 A cultura negra é... a - Estudada como rico folclore do Brasil. b - Um instrumento da prática pedagógica. c - Quando vira assunto na mídia.			
4 O currículo... a - Baseia-se nas contribuições das culturas europeias representadas nos livros didáticos. b - Constrói-se baseado em metodologia que trata positivamente a diversidade racial, visualizando e estudando as verdadeiras contribuições de todos os povos. c - Procura apresentar aos alunos informação também sobre os indígenas e negros brasileiros.			
5 O professor... a - Posiciona-se de forma neutra quanto às questões sociais. É o transmissor de conteúdos dos livros didáticos e manuais pedagógicos. b - Reavalia sua prática refletindo sobre os valores e conceitos que traz introjetados sobre o povo negro e sua cultura, repensando suas ações cotidianas. c - Tem procurado investir em sua formação quanto às questões raciais.			
6 Trato das questões raciais... a - É feito de forma mais generalizada pois a escola não tem possibilidade de incidir muito sobre elas. b - É contextualizado na realidade do aluno, levando-o a fazer uma análise crítica dessa realidade, a fim de conhecê-la melhor e comprometendo-se com sua transformação. c - Não é considerado assunto para o interior da escola.			

19

7	As diferenças entre grupos etnoculturais... a - Não são tratadas, pois podem levar a conflitos. b - Servem como reflexão para rever posturas etnocêntricas e comparações hierarquizadoras. c - É mostrada como diversidade cultural brasileira.			
8	As situações de desigualdade e discriminação presentes na sociedade são... a - Ponto para reflexão para todos os alunos. b - Ponto para reflexão para os alunos discriminados. c - Instrumentos pedagógicos para conscientização dos alunos quanto à luta contra todas as formas de injustiça social.			
9	Acredita-se que, para fortalecer o reconhecimento, a aceitação e respeito à diversidade racial, deve-se... a - Promover o orgulho ao pertencimento racial de seus alunos. b - Procurar não "chamar atenção" para as visões estereotipadas sobre o negro em livros, produções e textos existentes no material didático. c - Promover maior conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.			
10	Quanto à expressão verbal... a - Acredita-se que a linguagem usada no cotidiano escolar tem o poder de influir nas questões de racismo e discriminação. b - Usam-se eufemismos para se referir ao pertencimento racial dos alunos, para não ofendê-los. c - A linguagem não tem influência direta nas questões raciais.			
11	Quanto ao trabalho escolar... a - Alguns professores falam da questão racial na escola, em determinadas etapas do ano letivo. b - Existe um trabalho coletivo com a participação de todos, inclusive direção e funcionários. c - Existe resistência dos professores para tratar a questão racial, quanto à luta contra todas as formas de injustiça social.			
12	Quanto à biblioteca... a - Existem muitos e variados livros que tratam sobre a questão racial e que contemplam alunos e professores. b - Existem alguns títulos de livros (2 ou 3) que contemplam a questão racial. c - Não existe literatura que contemple a questão racial.			
13	Quanto à capacitação dos professores sobre a questão racial... a - Ainda não se teve oportunidade de se estudar sobre a questão. b - Algumas vezes no ano fazemos cursos e/ou grupos de estudo sobre a questão racial. c - Tem procurado incorporar o assunto nas discussões reuniões pedagógicas, grupos de estudo e momentos de formação.			



CHAVE DE CORREÇÃO


Coloque um ponto em cada quadrinho em que sua resposta coincidir com a chave de correção.
De acordo com os pontos obtidos, identifique as características de sua escola: ela promove uma educação etnocêntrica ou anti-racista?

1- A	1	B	2	C	0	=	<input type="checkbox"/>
2- A	2	B	0	C	1	=	<input type="checkbox"/>
3- A	0	B	2	C	1	=	<input type="checkbox"/>
4- A	0	B	2	C	1	=	<input type="checkbox"/>
5- A	0	B	2	C	1	=	<input type="checkbox"/>
6- A	1	B	2	C	0	=	<input type="checkbox"/>
7- A	0	B	2	C	1	=	<input type="checkbox"/>
8- A	1	B	0	C	2	=	<input type="checkbox"/>
9- A	2	B	0	C	1	=	<input type="checkbox"/>
10- A	2	B	0	C	0	=	<input type="checkbox"/>
11- A	1	B	2	C	0	=	<input type="checkbox"/>
12- A	2	B	1	C	0	=	<input type="checkbox"/>
13- A	0	B	1	C	2	=	<input type="checkbox"/>



Sua escola está na fase "da invisibilidade"


De 0 a 6 pontos



Sua escola ainda não conseguiu caminhar quanto à questão racial. O tema ainda é tabu. Ela pensa que pode se manter "neutra", sem ter nada a ver com esta questão; o silêncio foi a estratégia escolhida para isso. A população negra, que certamente está bem representada em sua escola (levando-se em conta que, segundo o IBGE 2001, ela representa 45% da população brasileira), é considerada "invisível". Todos os alunos estão perdendo a oportunidade de formação de valores essenciais para uma convivência harmônica em sociedade. Que pena!

Sua escola está na fase da "negação"


De 7 a 18 pontos



O assunto racial começa a ser discutido em sua escola. Mas a maioria dos professores nega a existência do racismo na sociedade e, mais ainda, no ambiente escolar. Acredita-se, também, no falso mito da democracia racial; que falar de racismo é incitar ódio entre raças; que as desigualdades são apenas econômicas. Mas, para "salvar" a situação, existe um ou outro professor que tem a ideia de colocar o assunto no 13 de Maio e no 20 de Novembro, não é mesmo?
A cultura negra vira folclore e a verdadeira história de resistência do povo negro não tem servido como exemplo de luta pela cidadania a todos os alunos.

Sua escola está na fase do "reconhecimento"


De 19 a 24 pontos



Muito bem! Sua escola está no itinerário correto! Reconhece a necessidade urgente de transformar a escola em um espaço de luta contra o racismo e a discriminação. Os alunos aprenderam conceitos e temas sobre os diferentes grupos sociais presentes na sociedade. A realidade do aluno é reconhecida e trabalhada. Projetos de trabalho são empreendidos sobre a questão racial.
É um bom começo! Continuem a enfrentar esse belo desafio!

Sua escola está na fase do "avanco"

26 pontos



Parabéns! Sua escola avançou bastante no itinerário de construir-se verdadeiramente democrática. Visualiza com dignidade os diversos grupos que compõem nossa sociedade. Usa as suas contribuições como ferramentas pedagógicas no trato da diversidade sócio-racial e cultural brasileira. Certamente, os alunos negros de sua escola têm uma elevada auto-estima e orgulho de seu pertencimento racial. Todos os alunos reconhecem, bem claro dentro de si, a necessidade de respeitar as diferenças e sabem que diferença não quer dizer superioridade nem inferioridade: é apenas diferença.

